

## Poéticas da voz: um olhar sobre Euclides da Cunha e Canudos

Edilene Matos\*

Resumo:

Este trabalho busca trazer à tona as vozes abafadas dos poetas populares, inspiradas na Guerra de Canudos, além de apontar para a sensibilidade de Euclides da Cunha, que, neste palco de extraordinárias acontecimentos, 1897, testemunhou, de viva presença, o poder, entre os conselheiristas (seguidores de Antonio Conselheiro), das criações da ira anônima. Tais iras foram usadas como “armas de combate”.

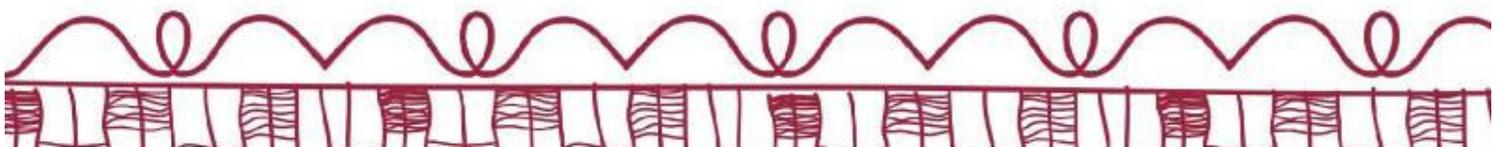
-  
O poeta não escuta uma voz estranha;  
sua palavra e sua voz é que são estranhas:  
são as vozes do mundo, às quais ele dá  
um novo sentido. (PAZ, Octavio)

Nesta comunicação, trago ecos da obra de Euclides da Cunha, um brasileiro que pensou o seu país. E pensou séria e modernamente, é bom que isto seja lembrado.

É preciso que se chame atenção para o olhar dilatado de Euclides diante de seu tempo, como foi, também, o de Machado de Assis, seu contemporâneo. Os dois foram contemporâneos e participaram da cena literária ao mesmo tempo, pelo menos durante alguns anos, trocaram cartas e conviveram, sobretudo na Academia de Letras, de que Machado foi um dos membros fundadores e o primeiro presidente, a partir de 20 de julho de 1897. Euclides foi o segundo ocupante da cadeira de nº 7, cujo patrono foi Castro Alves. Bem, esses dois homens das letras foram vanguardeiros, abridores de caminhos cada um com seu estilo, com sua programática apresentada em obras dessemelhantes.

Antes de me adentrar na temática que vou abordar especificamente, quero deixar claro minha concordância com o pensamento de Walnice Nogueira Galvão quanto ao modernismo de Euclides. Refere-se ela, no seu livro **Euclidiana**, às

numerosas emendas a que submeteu as sucessivas edições de “Os sertões, enquanto viveu, apontam para um progressivo abasileiramento do discurso. No longo processo de emendar seu próprio texto, a prosódia vai aos poucos ganhando da ortoépia, esta sim portuguesa, mostrando que o



ouvido do autor ia desautorizando sua sintaxe e, principalmente, sua colocação de pronomes, anterior. (2009:28).

Esse “modernismo” de Euclides não foi compreendido pelos modernistas que o consideravam um passadista. Pelo contrário. Preocupou-se Euclides com os interiores do país e a repulsa à macaqueação européia no litoral. Exatamente nesse grande livro, **Os sertões**, Euclides dá o pontapé inicial para o modernismo, o romance regionalista de 30 e o surgimento das ciências sociais em 1940.

Ademais, trata-se de uma obra interdisciplinar, com ecos polifônicos de várias vozes, seja da história, da geografia, das ciências sociais, da literatura. Este polifacetado livro abre caminhos para o diálogo intertextual. Nele, estão “o repórter, o geólogo, o botânico, e sobretudo o grande poeta, em quadros que bosqueja e que serão depois acabados, nos toques finais das páginas de *Os sertões*” (TAVARES, 1993:19).

Em 1947, Odorico Tavares já apontava para esse diálogo intertextual que é retomado com muita força, atualmente.

A intertextualidade, todos sabemos, passou a fazer parte de reflexões teóricas na Europa e difundida para outros continentes, a partir da tradução e divulgação de **A poética de Dostoievski**, por Julie Kristeva, na década de sessenta (traduzida para o português em 1981). A teoria da intertextualidade trouxe luz para essa questão, ao advogar a tese do cruzamento de múltiplos discursos. Segundo Julia Kristeva, toda e qualquer produção literária realiza-se como *absorção e transformação de outro texto* (1969: 23). Não mais se fala em intersubjetividade, mas sim em intertextualidade, e o texto poético passa a ser visto como um texto onde ressoam várias vozes. Foi em verdade Bakhtin quem ressaltou o caráter dialógico do discurso literário, ou seja, seu caráter heterogêneo e plural. A lúcida e esclarecedora leitura desse teórico russo por Kristeva abriu um novo espaço para se pensar a questão da contaminação de textos.

Textos como **Os Sertões**, épico em sua essência, mas também dramático, e com cenas ainda de pungente lirismo, mesmo que um lirismo às avessas. Fruto de “extraordinária reviravolta de consciência causada pela guerra de Canudos”, **Os sertões** é um marco na história da cultura e da literatura brasileiras.

Entendo, com Calvino, que cada um de nós é uma combinação de experiências, de informações, de leituras, de imaginações. E tudo isso pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis. Assim, também, foi com Euclides

Palco de extraordinárias acontecimentos, foi no campo da luta de Canudos, 1897, que Euclides da Cunha testemunhou, de viva presença, o poder, entre os conselheiristas (seguidores de Antonio Conselheiro), das criações da ira anônima. Tais iras foram usadas como “armas de combate”.

Em 1879, Sílvio Romero<sup>1</sup>, estudioso paciente das nossas fontes, deu a primeira notícia a respeito de um ciclo de poesia popular em torno da figura de Conselheiro, tendo recolhido e anotado em seu estudo quadras da musa popular, a exemplo de:

Do céu veio uma luz  
Que Jesus Cristo Mandou  
Sant’ Antonio Aparecido  
Dos castigos nos livrou.

Quem ouvir e não aprender  
Quem souber e não ensinar  
No dia do juízo  
A sua alma penará.<sup>2</sup>

Esses versos, que fazem lembrar o responso de Santo Antonio, são apontados como os primeiros de uma série de composições referentes ao Bom Jesus Conselheiro e ao povoado de Canudos. José Calasans sempre se referia à ligação feita entre o Santo Conselheiro e Santo Antonio.

Sem dúvidas, e isto é quase consenso entre os pesquisadores, que o chamado “messias do sertão” é amplamente biografado na poética popular. Os poetas populares inventaram fabulosos ciclos biográficos. Hoje, mais do que nunca, o chamado gênero biográfico é amplamente usado e divulgado. Mas, os heróis populares do passado, embora continuem a existir, vêm sofrendo, no presente, mudanças significativas. Outrora, costumava-se contar a vida e as façanhas de personagens lendários, como é o caso daqueles que figuram na *Flor dos Romances Trágicos* (seleção e comentários de Luís da Câmara Cascudo), uma espécie de síntese da saga nordestina, dramática, triste e vil, e um dos exemplos mais conhecidos da chamada poesia de chapéu-de-couro; atualmente, o cordel exhibe outro painel humano: os personagens agora são escritores, políticos, estadistas, artistas, intelectuais, que escapam dos compêndios, dos verbetes, das monografias oficiais e ganham novo registro histórico.

---

<sup>1</sup> Sobre Sílvio Romero folclorista, cf. excelente estudo de Cláudia Neiva MATOS. *A poesia popular na república das letras*. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ/MinC: 1994, com o que venceu o Prêmio Sílvio Romero, de 1993

<sup>2</sup> ROMERO, Sílvio. Estudos sobre a poesia popular no Brasil. 2ª Ed. Petrópolis: dimensões do Brasil, 1977, p. 41

Tida como ingênua, rude e tosca pela história literária, a literatura popular, na realidade, é um tipo de manifestação ficcional e imaginativa bastante próxima daquela que se costuma chamar propriamente de literatura, não existindo diferenças de essência entre um e outro tipo de produção, já que possuem, de modo análogo, aquilo que é comum a qualquer obra, seja qual for a tradição a que esteja vinculada: sua capacidade de criar formas significativas, expressivas e reveladoras da existência humana

A literatura de cordel, forma poética que se situa entre a oralidade e a escritura, insere-se no que Paul Zumthor denomina oralidade mista, isto é, oralidade marcada pela coexistência com uma cultura escrita.

Oralidade e escritura não são domínios separados por um divisor de águas com limites rígidos. Sua fronteira é tênue, e a tensão oral/escrito se reflete nos estilhaços desse seu duplo processar, numa instância em que não mais se reconhecem os traços originais de cada um deles, fundidos e confundidos no ponto de cruzamento das linguagens.

No caso da literatura de folhetos, a influência da escrita dá-se de modo parcial, pois nela as marcas da oralidade se afirmam, e a força da voz viva se impõe de modo indelével. No espaço cambiante da oralidade/escritura, distingue-se um movimento textual transgressor, uma vez que o texto escrito transgride o espaço da escritura, ultrapassa-o, sai dos limites do papel, move-se e aspira a se fazer voz. Ponto de intersecção entre a oralidade e a escritura, a literatura de folhetos permite que a cena oral não se restrinja à voz, mas, muito mais que isso, se insinue como corpo e gesto. Daí o aspecto performático do poeta de cordel que, com voz e gestos, faz a coreografia de suas narrativas. A voz do poeta, viva na garganta, presente e até vibrante no silêncio ruidoso de seus poemas, fala a linguagem do corpo. Voz é também corpo. E relembro, mais uma vez, Zumthor quando se refere à gestualidade e corporalidade dos textos poéticos medievais, textos estes, como os dos folhetos de cordel, acentuadamente declamatórios e performáticos, onde predomina *a palavra gesticulada dos poetas (...), esse jogo cênico e verbal (...)* (1993:45).

Vendidos por ambulantes em mercados e feiras livres, pendurados em barbante (cordéis) - como foi registrado, ainda em Portugal, por Nicolau Tolentino de Almeida na *Satyra do Bilhar ( Todos os versos leu da Estatua equestre/ e todos os famosos Entremezes/ Que no arsenal ao vago caminhante/ Se vendem a cavalo n'um barbante.)* (Braga, 1885:450) - espalhados numa lona ou numa esteira de vime, os folhetos (ou cordel) realimentam e renovam, do ponto de vista poético e narrativo, a tradição oral dos contos; das cantorias improvisadas; das histórias de amor, valentia ou aventuras; das vidas de santos.

Se Julio Caro Baroja afirma ter notícias de que em 1933 o último vendedor ambulante de *pliegos sueltos* perambulava pelas ruas de Madri, no Brasil, entretanto, os textos de cordel ainda circulam aos milhares, gritados nas vozes anasaladas dos cantadores (o tom de voz agudo e nasal é impróprio para outros efeitos de ritmo que não sejam os da versificação, e seu uso serve para poupar a voz), dos cantores de folhetos, que costumam usar a expressão: *eu vou cantar folheto*. Há uma maneira especial de comunicação desses folhetos, os quais, embora impressos, conservam ainda sua oralidade original, situando-se numa espécie de entrelugar, ou seja, no lugar onde se dá o *encontro da magia da voz com a artesanaria da letra* (Fonseca dos Santos, 2009:14). Há troca de olhares furtivos, olhares de atração mútua: a voz e/ou a escrita sujeitas à sedução olhar. Essa leitura em voz alta, que se fazia nos terreiros das fazendas, ao pé da fogueira ou sob a luz quase-amarela dos candeeiros a gás, chega até nossos dias, invadindo inclusive as cidades. Leitura coletiva do folheto impresso, que conserva as marcas da palavra oralizada em cada verso da sextilha (o tipo mais comum de estrofação), da décima, do alexandrino, dos galopes, martelos e mourões. O folheto de cordel, marcado por seu forte acento oral – rima, ritmo, repetições, musicalidade -, nascido da e na oralidade, sua matriz e motivação, transita hoje no espaço letra/voz. Voz que, imersa no âmbito ilimitado e performático da linguagem oral, é puro presente, sem estampilha nem marcas temporais, sem mordanças, solta, livre e nômade, ao contrário da escritura que é finita, fixa e sedentária. Andarilha por essência, a voz permite modulações e articulações variadas, integrante que é de um contexto movente, cambiante, onde respiração, músculos e nervos continuamente se tensionam e distensionam.

O poeta popular usa o corpo todo de forma a conferir potência à palavra – pois nada existe para o poeta de cordel que não possa ser falado -, entrelaçando a linguagem verbal com a linguagem gestual, simbiose de palavra e gesto. Passador de casos, notícias, narrativas diversas, o poeta popular usa sua voz sempre cheia de vibração como um instrumento de comunicação. Confia ele na força dos pulmões, no poder da voz e da performance para atrair leitores/ouvintes.

Momentos reiterantes da narrativa são traços marcantes do texto oral, que se mantêm mesmo quando a narrativa é impressa. Trata-se de narrativas supostamente fragmentadas, mas que, no entanto, formam um mosaico uma história conhecida tem, a meu ver, um aspecto transgressor, que seduz pela novidade, oriunda da imaginação, essa forma de audácia humana, como quis Bachelard.

A força poderosa desse tipo de manifestação poética fez com que, mesmo enfrentando as maiores adversidades, em meio à peleja suicida, os conselheristas não abandonassem as musas. Portanto, são essas vozes que vão alentar o hinário de Canudos.

Aí é que entra a estupefação do repórter de **O Estado de S. Paulo**, Euclides da Cunha. Para lá enviado como correspondente, experienciou a demente vingança dos poderosos da República contra a jagunçada sertaneja. Ficou impressionado com papéis encontrados nos casebres de Belo Monte e apontou, nos Sertões, o que aquilo significava para a luta:

no mais pobre dos saques que registra a história, onde foram despojos opimos imagens mutiladas e rosários de côcos, o que mais acirrava a cobiça dos vitoriosos eram as cartas, quaisquer escritos e principalmente os desgraçados versos encontrados. Pobres papéis em que a ortografia bárbara corria parselhas com os mais ingênuos absurdos e a escrita irregular e feia parecia fotografar o pensamento torturado, eles, resumiam a psicologia da luta. Valiam tudo porque nada valiam.

E mais adiante:

Os rudes poetas rimando-lhe (do Conselheiro) os desvarios em quadras incolores, sem a espontaneidade forte dos improvisos sertanejos, deixaram bem vivos documentos nos versos disparatados que deletreamos pensando, como Renan, que há, rude e eloqüente, a segunda Bíblia do gênero humano, nesse gaguejar do povo<sup>3</sup>.

Foi Euclides, portanto, apesar de suas considerações eruditas e certamente pejada de preconceitos, que registrou a presença da poesia popular como contribuição para a interpretação dos sentimentos que animavam o povo com referência ao Bom Jesus Conselheiro.

Ainda, segundo José Calasans, podemos também apontá-lo como “um dos primeiros ensaístas brasileiros a julgar válidas as fontes orais para elaboração da história dos povos” (1984:2).

Euclides, como também o fizeram os irmãos Grimm, divulgou versos recolhidos para provar o que dizia, mas fez alterações na ortografia original.

Na sua famosa **Caderneta de Campo**, citou sete quadras dos dois ABCs que chegaram ao seu conhecimento.

---

<sup>3</sup> CUNHA, Euclides da. Os sertões. 13ª Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1936, p. 206.

Esses ABCS recolhidos por Euclides registravam fatos importantes na história do “conselheirismo”. O primeiro desses ABCs fazia a exaltação da vitória, em maio de 1893, contra a polícia baiana:

Indo a força prá cima  
o concelheiro malhar  
nas catingas de machete [Masseté]  
lá foram todos acabar.

O segundo ABC contava a derrota da tropa comandada por Moreira César e a sua morte em março de 1897:

Agora vou declará  
Tudo quanto foi passado  
Na batalha belo monte  
Com homens civilizado  
Que vinhero brigar com deus  
Ficaram acreditado.<sup>4</sup>

Além desses ABCs, quero me referir, aqui, ao trabalho paciente de José Calasans, guardião amoroso, dos documentos sobre Canudos, no tocante á publicação de uma coletânea, com quatro folhetos importantes sobre o feito de Canudos. Um deles, escrito por João de Souza Cunegundes data de 1897 e foi publicado no Rio de Janeiro pela Livraria do Povo Quaresma & Cia. Este poeta vivia, à época, no Rio de Janeiro, sendo bastante influenciado pelo noticiário da imprensa. Para esse poeta, os jagunços deviam ser condenados pela morte de Moreira César, que é assim anunciada:

Morreu este patriota  
Uma glória do Brasil  
A favor de sua pátria  
Contra aquela gente vil.

O Brasil ficou de luto  
E o exército também;  
Todos choraram a morte  
Daquele homem de bem..

---

<sup>4</sup> CUNHA, Euclides da. Caderneta de campo. Introdução, notas e comentário por Olímpio de Souza Andrade. São Paulo: Cultrix, 1975, p. 58-59

E condena os jagunços duramente;

Esta horda de bandidos  
Fanáticos e traiçoeiros,  
Afinal foram batidos  
Pelos soldados brasileiros.

Glória áqueles que morreram  
Com a fé republicana  
Defendendo a sua pátria  
Longe, na terra baiana

Viva o povo brasileiro  
E também seu presidente  
Glória aos mortos de canudos  
Chorados por toda gente!

O outro folheto de João Melchiades Ferreira, o chamado Cantor da Borborema, vem de outra origem, de outro espaço. Melchiades, paraibano, batalhou contra os jagunços, sargento que foi do 27 BI. Esse soldado-poeta assistiu, portanto, de perto a luta. Escreveu em sextilhas (80) Trata-se do único folheto de cordel feito por um combatente;

Escapa, escapa, soldado  
Quem tiver perna que corra  
Quem quiser ficar que fique  
Quem quiser morrer que morra  
Há de nascer duas vezes  
Quem sair desta gangorra..

Lúcido, o poeta conteve o linguajar agressivo, mas, como era de se esperar, exaltou os feitos dos companheiros. Trata-se de um folheto escrito em fase posterior ao acontecido, quando já se encontrava reformado. Aqui, portanto, entra a questão da memória. A memória constrói, destrói, reconstrói, portanto será sempre algo que não se completa: apaga uns fatos e faz nascer outros com tanto vigor.

**A História de Antonio Conselheiro** (Campanha de canudos, narração completa), de autoria de Arinos de Belém, pseudônimo do poeta José Esteves, paraense, com folhetos publicados pela famosa folhetaria Guajarina – Casa Editora de Francisco Lopes é outro folheto, publicado em 1940, contendo 166 estrofes de sextilhas setessilábicas:

A luta é por todo o vale,  
Nos outeiros e colina,  
É mesmo de serra acima  
Conforme o caminho ensina  
E de uma e outra forma  
O jagunço se elimina.

E depois de tanta luta  
Tanto sangue derramado,  
Oficiais que morreram  
No campo glorificado,  
O Antonio Conselheiro  
Em canto algum foi achado.

Quanto ao folheto **Meu folclore**, com 200 estrofes de septilhas setessilábicas de autoria de Jota Sara, nome de guerra de José Aras, grande conhecedor do mundo sertanejo, conselheirista e recolhedor de notícias da guerra entre os sobreviventes. Sua criação poética o apresenta como um destemido jagunço dos Vaza-Barris. publicado em 1957, em Euclides da Cunha,.

Segundo Calasans, Sara

menciona , como nenhum outro, os nomes e as proezas da gente jagunça, arrumando, com desembaraço poético, história e estórias dos tempos de antanho. Seu folheto, pois, não é, simplesmente, uma boa quantidade de versos, mas também uma contribuição de caráter histórico, recolhida na voz do povo, que ainda recorda – e não raro enaltece – Antonio Vicente Mendes Maciel, o Bom Jesus Conselheiro. (9):

O Antonio Conselheiro  
Era muito inteligente  
Lia e escrevia bem  
Fascinava toda a gente  
A calúnia e a inveja  
Fê-lo cair na peleja

Sendo um clarividente (102)

Este folheto refere-se claramente a Euclides da Cunha em algumas estrofes:

Disse Euclides da Cunha,  
Que ele mesmo assistiu  
Quando á noite o sentinela  
Um vulto estranho viu,  
Disparou e o alvoroço  
Foi tão grande o destroço  
Que quase entope o rio.

Mais adiante:

Leiam o livro “Os sertões”  
Como Febrônio de Brito,  
Não meteu a força à pique  
Foi um combate bonito  
Calmo, o sabido Febrônio  
Da Bahia um patrimônio  
Um monumento escrito.

E quanto a Moreira César:

Sofria epilepsia  
Era o tipo de satanás  
Tanto matava na luta  
Como matava na paz,  
Quando vinha à capital  
Era o espectro do mal  
Quedo, feroz e sagaz.

No tocante à chamada “musa anônima”, Pedro Calmon refere-se, no livro **História do Brasil na Poesia do Povo**, a uma sátira-chula, cantada e dançada, após a malograda 3ª expedição do Capitão Moreira César:

Capitão Moreira César

Nó de cana Caiana,

Tomou chumbo nas Queimada

Foi morrer nas Umburuna.

Capitão Moreira César

Foi á guerra e não venceu;

Esta com oito que vence

Nos nove aribú comeu.

Capitão Moreira César

Chama-te bota lombriga,

Pois o chumbo é bom prugante

Pra limpeza da barriga

Há, ainda, uma anotação feita por Gustavo Barroso no seu livro **Ao som da Viola** de um poema que circulou no Ceará, cujo assunto recaia na convocação de voluntários, em 1897, para a quarta e vitoriosa expedição militar comandada pelo general Artur Oscar:

Eu recebi um convite

Do general Artur Oscar,

Mode ir para Canudos

O conselheiro acabar

Vou-me embora, vou-me embora,

Quando acabar de dançar...

Até hoje, circulam folhetos sobre a temática de Canudos. Quero registrar alguns folhetos, afora esses ABCS, recolhidos por Euclides, os quatro folhetos escolhidos por Calasans, para figurar na antologia que preparou ao meu lado, e esses dois exemplos da musa anônima:

1. Minelvino Francisco Silva: ♦História de Antonio Conselheiro e a guerra de Canudos

♦Antonio Conselheiro e a guerra de Canudos

2. José Saldanha Menezes: ♦Antonio Conselheiro. O apóstolo dos Sertões (do livro Os sertões de Euclides da Cunha)
3. Rodolfo Coelho Cavalcante: ♦Antonio Conselheiro, o santo guerreiro de Canudos
4. Paulo Nunes Batista: ♦Euclides da Cunha – vida – obra- grandeza – tragédia
5. Apolônio Alves dos Santos♦Antonio conselheiro e a guerra de Canudos
6. Raimundo Santa Helena: ♦ Guerra de canudos
7. José de Oliveira Falcón: ♦Canudos, guerra santa no sertão
8. Sebastião Nunes Batista: ♦Canudos revisitada
9. Maxado Nordestino: ♦Profecias de Antonio Conselheiro – o sertão já virou mar
10. José Praxedi: ♦Euclides da Cunha (31 estrofes sextilhas setessilábicas – 1981 Rio de Janeiro)
11. Gonçalo Ferreira da Silva: ♦Euclides da Cunha e Os Sertões (32 estrofes, sextilhas, 1989 – xilo de Erivaldo
- ♦Cordelando Euclides (na programação do centenário, 2009 –UFRJ)
12. Leandro Tranquilino: ♦Cem anos depois da guerra de Antonio Conselheiro
- ♦As cruces de Canudos e o santo Conselheiro
13. Raimundo Silva: ♦O encontro de Zé Limeira com Antonio Conselheiro
14. Antonio Carlos Barreto: ♦Um olhar crítico sobre a guerra de Canudos
- ♦Canudos não se rendeu ao “beijo” republicano
15. Janete Lainha Coelho: ♦A história do verdadeiro profeta
16. Varnecki Santos do Nascimento: ♦O massacre de canudos
17. Gustavo Dourado: ♦Cordel para Euclides da Cunha (no centenário de morte).

Muito interessante toda essa mitologia em torno da polêmica figura de Antonio Vicente Mendes Maciel. De um lado, um enviado dos céus; de outro, um falso apóstolo, um bufão arrebatado numa visão do Apocalipse, um doente grave ou um doido.

Gilberto Freyre, ao se referir às pregações de Conselheiro, tece críticas a Euclides por considerá-lo “um infeliz com turvamento intelectual”, assim se expressou:

O chamado ‘breviário’ de Antonio Conselheiro – manuscrito encontrado em Canudos – não confirma de modo algum a enfática afirmativa de Euclides da Cunha de que o famoso místico fosse um rebelde ‘contra a igreja romana’ que, ao mesmo tempo, favorecesse o amor livre. É pena que Euclides – a quem Afrânio Peixoto teria oferecido aquele manuscrito

valioso [...] – não se tenha sentido obrigado a retificar, à base das revelações do “breviário”, sua interpretação da figura do Conselheiro’.<sup>5</sup>

Fascinados pela figura messiânica de Conselheiro, os poetas conferem-lhe tratamento de herói romântico, de bandido pirata, de visionário andarilho, comparando-o a lendários viajantes, nômades e com uma clara predestinação de liderança natural, sem imposição, nem querelas. Em verdade, o Conselheiro é uma figura idealizada, que não é facilmente compreendida, tampouco aceita, mas que impregna de sedução o imaginário coletivo, onde é delineado como um mito, personagem transformado em sugestiva figura romanesca, feita de evocações e sugestões poéticas, de achegas, de fragmentos, e que ganha força como paladino de uma nova ordem, emissário da idéia nova de uma sociedade sem classes, livre das constrações das leis e das ideologias.

A volta de Conselheiro era anunciada: “O Conselheiro voltará um dia!”. Essa volta reflete a esperança de um salvador. Assunto que também surge em versos, como os da quadra citada por Francisco das Chagas Batista (Cantadores e poetas populares):

Antonio Conselheiro  
Determinou a brigar  
Prometendo ao seu povo  
Que havia de ressuscitar.

O homem, Antonio Conselheiro, devia muito ao mito, já de início estabelecido. A especial mitificação que se tributou à imagem de Conselheiro – e da qual os poetas populares não se afastam -implica o assentamento e desdobramento de um sem-número de traços, reais ou fictícios, biográficos ou textuais, retrabalhados pelo imaginário: homem alto e magro, com cerca de 65 anos, vestia túnica azulão, tinha a cabeça descoberta e empunhava um bordão; os cabelos crescidos, sem nenhum trato, caíam-lhe sobre os ombros; as hirsutas barbas grisalhas cobriam-lhe o rosto comprido e de acentuada palidez, onde se ressaltavam os olhos fundos e sempre abaixados, condizentes com o porte grave de ar penitente.

Esse mito permeou o imaginário do povo brasileiro, numa evidência da função simbolizadora da imaginação, que não pretende uma verdade científica, mas uma verdade contida nas percepções. O imaginário, espaço que abriga a imaginação, delinea, em oposição a uma verdade científica, uma verdade de ordem perceptual, que

---

<sup>5</sup> In: FREYRE, Gilberto. *Ordem e Progresso* (1990).

não deixa de ser uma verdade também. O envolvente palco caleidoscópico do imaginário, onde se encena em variados matizes a história coletiva ou individual, corresponde à consciência imaginante, ou seja, àquela que imagina e que é capaz sempre, no caso de escritores, de transmutar em ficção tudo aquilo em que tocam.

Abalado com tudo que viu, Euclides da Cunha traz à tona as vozes abafadas de uma saga cruel, são personagens épicas que não estão presentes, mas cujos ecos se repetem incessantemente.

E os ecos para repensar *Canudos*, *Os sertões* e, portanto, Euclides da Cunha são ouvidos até hoje. Como exemplo, trago o mote glosado em décimas, e ainda inédito, do poeta Antonio Barreto, apontando a resistência dos conselheristas:

Euclides da Cunha viu	De lágrimas foi inundado
Pelas lentes do destino	nosso avô cocorobó...
A sorte do nordestino	A força do mal, sem dó,
Que a República excluiu	Deixou o sol apagado...
E Conselheiro ruiu	A lua lá o tablado
Face ao governo tirano	Ficou sem brilho, sem plano
Que nas asas do engano	A chorar o erro humano
O seu ódio arrefeceu...	E o sertão todo gemeu...
Canudos não se rendeu	Canudos não se rendeu
Ao beijo republicano.	Ao beijo republicano.

A força rasgou a verdade  
Nas páginas da nossa história  
A dor ficou na memória  
De quem sofreu crueldade.  
As flores da impunidade  
Perduram no desengano  
E o coração desumano  
Perde o perfume que é seu...  
Canudos não se rendeu  
Ao “beijo” republicano.

Para Walnice, em **Os Sertões** não se separa o autor do narrador: o narrador não se ficcionaliza. É sempre o autor que fala diretamente ao leitor em “plural majestático” (43). È o canto da própria cólera de Euclides, não a cólera de Aquiles, da *Íliada*.

O espaço é outro, é o do sertão. A profecia é que o sertão vai virar mar e o mar vai virar sertão. Nos espaços sertanejos, há semelhanças entre mar e deserto. A imensidão do mar, a imensidão da terra desértica, seca. Sabe-se que o deserto tem sido sempre comparado ao mar, desde a lição homérica com a fórmula “mar estéril”.

Mas esse sertão, que aparece como uma forma de denúncia das condições miseráveis vividas pelos homens sertanejos, também foi um instrumento preciso de aprender a refletir sobre outros espaços, e a criar, no caso de Euclides e dos poetas populares texto/poesia, construindo sentidos através de linguagem, linguagem-sertão, áspera, seca, cortante. O sertão por si conta, pela poesia, pelos fatos que ocorreram, no caso de Canudos, e que demarcou sua feição, sua arquetipia.

Aqui, para Euclides, para os poetas populares, “o sertão vai virar mar e o mar vai virar sertão”, motivo de inversão do estabelecido, do familiarizado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- RARROSO, Gustavo. **Ao som da viola**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1949
- BRAGA, Teófilo. **O povo português nos seus costumes, crenças e tradições**. Lisboa: Livraria Ferreira Editora, 1885
- CALASANS, José. **Canudos na literatura de cordel**. São Paulo: Ática, 1984
- CALMON, Pedro. **História do Brasil na poesia do povo**. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1973.
- CALVINO ÍTALO. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2007
- CHAGAS BATISTA, Francisco das. **Cantadores e poetas populares**. João Pessoa: Editora Popular F.C. Batista Irmãos, 1929
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. 13ª Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1936
- \_\_\_\_\_. **Caderneta de campo**. Introdução, notas e comentário por Olímpio de Souza Andrade. São Paulo: Cultrix, 1975
- FREYRE, Gilberto. **Ordem e Progresso**. São Paulo: Global, 2004
- GALVÃO, Walnice Nogueira. **Euclidiana**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2009
- KRISTEVA, Julie. **Recherches pour une sémanalyse**. Paris: Seuil, 1969
- ROMERO, Sílvio. **Estudos sobre a poesia popular do Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1977
- SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. **Em demanda da poética popular**. Campinas: UNICAMP, 2009
- TAVARES, Odorico. **Canudos – cinquenta anos depois**. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1993
- ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. São Paulo: Companhia Das Letras, 1993